

AS HEROÍNAS DA NEGRA NAÇÃO DE JARID ARRAES
THE HEROINES OF THE BLACK NATION OF JARID ARRAES
LAS HEROÍNAS DE LA NACIÓN NEGRA DE JARID ARRAES

 Lui Barbosa Almeida¹

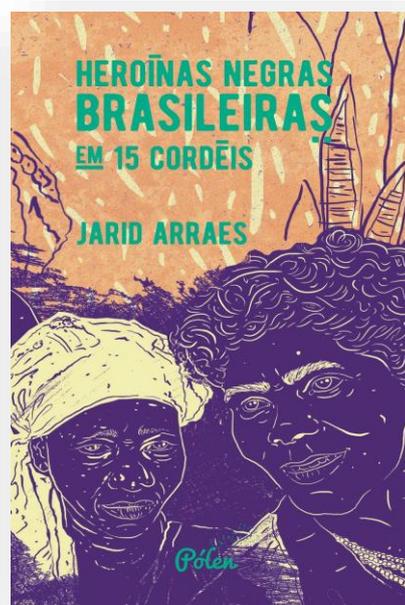
1. Músico da Orquestra e Madrigal da UFSC. Compositor, arranjador e produtor musical. Estudante de Graduação em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: luibalmeida@gmail.com

Recebido em: 11/04/2021

Aprovado em: 28/07/2021



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.



ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

No livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, Jarid Arraes, cearense de Juazeiro do Norte, reúne 15 histórias, cada um versando sobre uma mulher negra considerada, por ela, heroínas devido a suas biografias e influência cultural. Por serem cordeis, o livro está em versos, de tamanhos semelhantes, o que auxilia na fluidez da leitura, ritmada com a prosódia, com tempos fortes constantes como numa clave musical compassada. A autora justifica a necessidade de sua produção por meio de cordeis, mostrando-nos como desconhecemos os nomes e histórias das mulheres negras importantes para a história do Brasil e se queixa de que isto é falha da escola, televisão e rádio. Conta-nos na orelha da primeira edição, de 2017, pela editora Pólen, que ela mesma foi conhecer essas histórias depois de adulta. Dedicou-se por quatro anos

na pesquisa e na composição de cordeis que, comenta, são hoje utilizados em escolas pelo Brasil e está, inclusive, na Biblioteca do Congresso Americano em Washington. Toda história é acompanhada de uma breve biografia em prosa da heroína cordelada escrita pela própria Jarid Arraes.

Nota-se que a pesquisa da autora foi bem detalhada. Cada história procura contar origem, família, trajetória de estudos, trabalhos, principais fatos biográficos, e, não bastasse a importância em si de alguns feitos, a cordelista diria, heroicos. Arraes ainda justifica a importância dessas mulheres como pessoas negras. Se já parece desafiante o suficiente encadear e argumentar essas ideias numa prosa livre de formalismos prosódicos, torna-se encantador acompanhar o desenvolvimento deste assunto, tão urgente quanto antigo, em versos precisos, que conseguem até mencionar contextos e nos situar na época da história referida, nem sempre da mesma maneira, ora surpreendentemente. A autora se comunica com o leitor como que explicando a história, chega a interromper a sucessão de fatos para fazer analogias, por exemplo, com o tempo presente. No cordel sobre a catarinense Antonieta de Barros, isto acontece de maneira bastante evidente quando é versado do quanto só ser mulher nos anos mil novecentos e vinte já era difícil, ser negra em tempos de suplício era, então, "Bem pior que atualmente" (ARRAES, 2017, p. 18).

Algumas estrofes são precisamente históricas, outras de caráter elogioso para situar a relevância e chamar a atenção do leitor para os efeitos das ações das personagens dos cordeis ainda em nossos dias e em alguns momentos de sensibilidade poética. Nos momentos históricos a cordelista consegue ser bastante objetiva, menciona fatos determinantes da história administrativa do Brasil que, de pronto, nos situam no contexto ilustrado, ou cita encadeada e literalmente os anos referidos. Quase que como fazendo uma resenha, a cordelista chega a recomendar o aprofundamento em suas histórias e a inclusão de suas heroínas nos currículos escolares. Ademais permanece poética, não só pelo ritmo fluido, mas pelas imagens que constrói, por exemplo o Brasil como "Negra Nação" (ARRAES, 2017, p. 21). Queixa-se de que histórias, como as cordeladas em seu livro, deveriam ser abordadas de forma mais apropriada, não só nas escolas, mas na literatura, no teatro, cinema. Comenta, dentro dos versos, a maneira como ela mesma precisou pesquisar por si e estimulada por conversas informais. Arraes marca com veemência sua revolta por não ter aprendido na escola sobre o pioneirismo no romantismo literário de Maria Firmino e, com sucesso, encadeia em seus versos títulos das principais obras da autora negra falecida no começo do século XX. De fato sentimos que algo na escola falha quando fica a cargo de Jarid Arraes nos lembrar, ou mesmo informar, sobre quilombos que duraram décadas, com parlamento, estrutura política, como na trágica história de Tereza de Benguela, e também com o quão pouco se fala das religiões descendentes da África na vida escolar, em contraponto, por exemplo, com o cristianismo, dentre elas o candomblé, mencionado pela autora no cordel sobre Tia Ciata.

O cordel sobre Aqualtune é especialmente emocionante, pois um público acostumado com histórias de princesas, ainda que com algum drama, dificilmente não se surpreenderá com as estrofes de sequestro, venda e sistemática violência sexual contra a nobre do Congo. Ler do ponto de vista de uma personagem específica este momento definidor da história do mundo, especialmente dos países envolvidos com o tráfico de escravos negros, de chegada dessas pessoas, deve causar fortes afetos, despertar empatia e compaixão. Este cordel também surpreende ao não tratar Aqualtune como uma ascendente de Zumbi dos Palmares logo de cara; cumpre o objetivo central do livro que é situar a importância da mulher negra na constituição da história do Brasil, sem cair em um possível sexismo de sempre tratar a mulher em relação a algum outro homem, contando da formação do Quilombo dos Palmares a partir do esforço de sobrevivência sua própria, do seu povo e também das suas raízes africanas. Em outra história de princesa, Arraes faz um verso, sobre Luisa Mahin, mãe do poeta Luis Gama, sendo coroada rainha na Bahia do século XIX, que é apaixonante. Esta edição do livro até o repete e o destaca com uma página só para si. O cordel sobre Zacimba Gaba fala de ainda mais uma princesa escravizada e abusada, só próximo ao fim da narrativa é informado que o lido aconteceu no século XVI, resgate que causa espanto na dimensão da tragédia que foi a escravidão no Brasil.

As personagens são tratadas pela autora como que para leigos. Ela versa com segurança de que, de fato, trata de heroínas, mas não tarda a contextualizar e justificar esse heroísmo, o que mantém atento até um leitor sem familiaridade com o assunto. Aponta, com precisão, questões sociais importantes, como no cordel sobre Carolina de Jesus, quando versa sobre a mãe da personagem, que foi, no começo do século XX, excomungada pela igreja e execrada por muitos, por ter sido mãe solteira. Contrasta, em associação, com a vida familiar da cordelada, Carolina, que jamais quis se casar e foi mãe solteira de 3 filhos por desejo pessoal. Arraes consegue inclusive, neste cordel, mencionar o Diário da personagem, dando referencial à história. Conta a trajetória desta mulher negra como escritora, hoje conhecida mundialmente. O cordel sobre Esperança Garcia, mulher ainda do século XVIII, conta uma trajetória heroica mais crua, violenta. A autora consegue, novamente, nos inserir no imaginário do contexto, quando lembra que era proibido ensinar escravo a ler e daí a relevância específica de Esperança, e aquela de Carolina de Jesus.

O livro cria dinâmica entre drama e heroísmo. A história narrada no cordel sobre Eva Maria do Bonsucesso afeta o leitor de maneira diversa quando ilustra um desfecho em que a mulher negra se sentiu, enfim, justificada pelas instituições brasileiras, principalmente em se tratando do adversário um homem branco. Não ficam claras quais referências Arraes usou neste relato, mas diverte a ideia de que poderia bem ter sido gerado a partir de documentos de arquivos jurídicos. Outra história que demonstra heroísmo é a de Laudelina de Campos, nascida em 1902, empregada doméstica desde os sete anos e que conseguiu depois de adulta a se manter de comércio, mas cuja trajetória passa principalmente pela luta por direitos trabalhistas de sua primeira profissão. Novamente aqui a associação com o presente é inevitável, pois que a chamada

PEC das Empregadas Domésticas foi sancionada no Brasil apenas em 2015, 14 anos depois do falecimento da militante histórica pela causa. No cordel sobre Maria Firmina dos Reis, a autoria também aborda discussões atuais quando, logo na primeira estrofe, problematiza chamarem sua personagem de mulata, reconhecendo-a como negra.

Na maioria dos cordeis Arraes ou rima os versos pares ou os ímpares, em "Dandara dos Palmares", "Eva Maria do Bonsucesso", "Na Agontine", entre outros, a estrutura varia. Ela rima o segundo com o quarto verso, depois com outra o quinto com o sexto, e conclui rimando o sétimo em associação com o segundo e o quarto. Versando sobre Dandara, a autora também faz menção de como certas histórias, mesmo ainda imprecisas nos fatos, representam estruturas relevantes para luta feminina negra. Grande parte das histórias são contadas de maneira bastante objetivas, inclusive citando autores referenciados, como no cordel sobre Maria Felipa, quando ela cita nominalmente dois autores que escreveram sobre a figura histórica, contudo há também momentos de imagens poéticas, quando, neste mesmo cordel, ela justifica em rimas a gente em convento por só possuírem vento.

O próprio objetivo de Jarid Arraes com esta edição de *Heroínas Negras em 15 Cordéis* é expandir o público dessas histórias e, pouco a pouco, transformar a realidade, e com a fluidez e simplicidade da poética de seus cordéis. Recomenda-se esta leitura para diferentes grupos. Adolescentes podem ler, pois, ainda que algumas histórias possam ser chocantes, os termos são suaves, e mais, deveriam ler, devido a toda a relevância escolar e potência de formação social das biografias. Um jovem acadêmico pode não encontrar referências formalizadas, mas, com certeza, terá melhor formação se entrar em contato com as histórias cordeladas. Adultos, de várias formações e profissões, ainda que conheçam os fatos narrados, poderão aproveitar a leitura fluida, leve, mas imperiosamente relevante. Um homem negro que não conheça algumas dessas histórias pode se identificar e se apropriar profundamente de toda a leitura, contudo, é preciso admitir, a uma mulher negra este livro deve ter um impacto indizível. Com seus versos, a cordelista faz o que Décio Pignatari diz fazer o poeta, "ajuda a fundar culturas inteiras" (2005, p. 10). Leitores de poesia podem sentir falta de variação na estrutura, de riqueza nas rimas, ou de outras questões formais e da poética da linguagem, porém, talvez, então não se tratasse mais de cordel. Por outro lado, aquele que não tem costume, ou mesmo gosto, pela leitura em versos ainda vai conseguir aproveitar e se envolver com as heroínas da Negra Nação de Jarid Arraes.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras em 15 Cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017. 176 p.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.